

*O sonho que sobrevive:  
Uma resenha do livro  
póstumo de Dora Bay*

*Sandra Regina Ramalho e Oliveira*

“O sonho da razão: imaginário e simbolização” é o título da obra póstuma da artista visual, professora universitária e membro da ABCA-SC Dora Maria Dutra Bay, lançado em abril de 2014, no Centro Cultural BADESC, em Florianópolis.

Dora Bay, gaúcha “naturalizada” catarinense, deixou-nos em 2009, com sua tese de doutorado praticamente concluída. Mas, por outro lado, legou-nos como herança a memória de uma colega exemplar, idealista, competente e dedicada, além de seus trabalhos artísticos, principalmente fotografias e gravuras em metal. E sua tese inacabada, de onde seus familiares - marido e filhos - recuperaram a cuidadosa fundamentação teórica, imortalizando-a por meio de uma publicação impressa, composta por 221 páginas fartamente ilustradas, com projeto gráfico da melhor qualidade, feliz resultado do acompanhamento editorial de Amilton Vergara, seu companheiro fiel durante o longo tempo no qual compartilharam, além de alegrias e tristezas, um campo de interesse comum, já que ele é arquiteto.

Trata-se, em resumo, de um estudo profundo da obra do antropólogo e sociólogo francês Gilbert Durand, ainda pouco conhecido e explorado no Brasil. Usando as palavras de Vergara, consiste em “uma síntese valiosa de hermenêutica simbólica e da mitologia, complementada por uma aplicação às artes plásticas.” Ainda, segundo ele, este trabalho incessante de pesquisa reafirma a perenidade do mito, discute os métodos científicos desenvolvidos por Durand, que redundam na mitoanálise e na mitocrítica, os quais são esmiuçados, bem como suas aplicações nas artes visuais e suas implicações educacionais.

Conclui Vergara afirmando que se trata de “(...) uma obra que demonstra o valor essencial e insubstituível do imaginário, do simbolismo e do mito é um sopro de vida nos recessos profundos da alma”. Ou seja, para todos nós, amigos, colegas e leitores, a obra é vida, pois o pensamento sobrevive.

A apresentação é de Antonio Vargas, artista visual e teórico da arte que, além de seu colega na Universidade, havia orientado Dora no mestrado, iniciando-a no âmbito da mitologia, do imaginário, da simbolização, da Hermenêutica.

Vargas então situa Gilbert Durand em relação ao Círculo de Eranos, do qual o pensador francês é herdeiro. Grupo intelectual criado entre as duas Grandes Guerras e sob a liderança intelectual

de Carl Gustav Jung, seus inúmeros colaboradores tinham o objetivo comum de aproximar filosofias ocidentais e orientais. Ainda segundo Vargas, “em minha opinião, é Gilbert Durand – talvez por fazer parte da segunda geração de Eranos – quem melhor sintetiza o esforço do Círculo em integrar as epistemologias ocidentais e orientais em uma teoria reveladora do espírito humano”.

Após importantes – e reveladoras – considerações teóricas sobre Durand, suas principais ideias e tendências, bem como sobre motivos de eventuais resistências por parte de alguns setores intelectuais brasileiros, Antonio Vargas destaca aspectos do trabalho de Dora Bay, considerando-o “de inestimável valor, não apenas pela paciência com que a autora se debruçou sobre a epistemologia e as metodologias propostas por este grande teórico francês mas, sobretudo, pela generosidade com que as relacionou e traduziu, em uma costura delicada (...)”

Fica então patente não apenas a qualidade e a profundidade da pesquisa de Dora, mas ainda um aspecto nem sempre conseguido pelos pesquisadores, qual seja, traduzir, de modo inteligível, as grandes teorias, para o acesso de iniciantes nas temáticas envolvidas ou mesmo na vida acadêmica.

O livro está estruturado em quatro grandes capítulos, antecipados pela Apresentação de Vargas e por uma Introdução da própria Dora; e sucedidos por Considerações Finais, Bibliografia e um apêndice com a relação das publicações de Gilbert Durand. Cada capítulo apresenta diversos subcapítulos, organizados em torno das respectivas temáticas: “A hermenêutica simbólica de Gilbert Durand”; “Imaginação e simbolização: imagino, logo existo”; “Mitodologia, ciência do mito”; e “Contribuição de Gilbert Durand para a compreensão das artes Plásticas”.

Dora, por considerar a Hermenêutica Simbólica “um veículo extremamente adequado para o estudo da arte, para a compreensão do significado da obra de arte”, consagrou sua potencia e o tempo de vida que se esvaía para desvendar os “elementos fundamentais do simbolismo, que acompanham o ser humano em sua trajetória até a contemporaneidade” e que, ainda segundo ela, “emergem na criação artística de todos os tempos”.

Por outro lado, Dora, já ao final deste trabalho, reitera que desde o momento que tomou conhecimento do pensamento de

Gilbert Durand, percebeu que havia encontrado a chave para o entendimento acerca do homem criador e se suas criações. São palavras suas: “ao longo do estudo foi ficando evidente que a tal chave apresentava uma especificidade: somente serve para abrir, ela não fecha, é a chave da hermenêutica, da gnose de Eranos. Assim sendo, a chave se transformou em uma eterna abertura, um constante desafio.”

É importante ressaltar que a autora não se contentou em encontrar luzes que iluminassem o palco de suas inquietações de artista exclusivamente mas, comprometida com a educação como sempre foi, buscou ainda analisar as implicações didático-pedagógicas e metodológicas do pensamento de Durand para o ensino e a compreensão das artes visuais.

Em uma abordagem crítica e apropriada em relação ao ensino de arte, considerado por ela como controverso, quando não, equivocados, ou até mesmo desatualizados, coteja suas críticas com as proposições de Durand sobre imaginação e criatividade, mostrando que se ele fosse conhecido e adotado, o ensino de arte nas nossas escolas teria sido diferente. Isto porque Durand propõe uma “pedagogia da imaginação, uma educação estética no sentido de educação fantástica, que supere o deficit imaginário instalado em nossa sociedade e reproduzido ao nível escolar, o qual bem pode ser responsável por considerável parte da angústia contemporânea.”

Mais adiante, falando do “retorno dos imortais”, afirma a autora: “(...) toda a busca de Gilbert Durand por uma epistemologia outra tem como objetivo o desvelamento dessa faceta de eternidade que aproxima os homens, deuses mortais, dos deuses, homens imortais, nas já clássicas palavras de Heráclito.”

E com a publicação desta obra, densa e complexa, mas até certo ponto didática, todos nós, colegas, amigos e leitores desfrutamos desta “faceta de eternidade que aproxima os homens”, usando as palavras da autora; faceta esta que não pode ser outra que não a do pensamento, da razão, que imortaliza homens e mulheres mortais e faz o sonho sobreviver.